

OS VÁRIOS NOMES DO INGLÊS NA ERA GLOBAL

Elisabete Andrade Longaray*
Marília dos Santos Lima**

Resumo

A história recente dos estudos sobre Aquisição de Segunda Língua (ASL) revela a ocorrência de uma série de denominações distintas utilizadas para se fazer referência ao inglês. Apenas para citar alguns exemplos, no mundo contemporâneo, o inglês pode receber os títulos de *world English*, *international English*, *global English* e *English as a lingua franca*, entre outros tantos. A preocupação com a nomenclatura, que à primeira vista pode não parecer mais do que puro preciosismo, se justifica a partir da necessidade de definição do objeto de estudo das pesquisas conduzidas no campo da ASL. A seleção de uma determinada expressão na alusão ao inglês pode evidenciar os propósitos e as inclinações teóricas do pesquisador fazendo da terminologia algo imprescindível. Neste artigo, os estudos de McArthur (2004), Rajagopalan (2004), Crystal (2003a, 2003b), Holliday (2005), Seidlhofer (2003, 2005), McKay (2002), Pennycook (2007), Erling (2005) e Jenkins (2006) evidenciam alguns dos nomes utilizados por estudiosos e pesquisadores da ASL para referir à língua inglesa nos últimos tempos.

Palavras-chave: Aquisição de Segunda Língua, nomenclatura, língua inglesa.

Abstract

Recent Second Language Acquisition (SLA) studies show the occurrence of a series of distinct denominations used to refer to the English language. Amongst these, to name a few, are World English, International English, Global English and English as a Lingua Franca. This preoccupation with terminology, which at first glance seems to be pure preciousness, is justified by the need to define the object of study of SLA research. The choice of a determined expression can demonstrate the purposes and theoretical concepts of the researcher, who makes the terminology paramount. In this paper the studies of McArthur (2004), Rajagopalan (2004), Crystal (2003a, 2003b), Holliday (2005), Seidlhofer (2003, 2005), McKay (2002), Pennycook (2007), Erling (2005) and Jenkins (2006) are used to highlight some of the names applied by scholars and researchers of SLA to refer to the English language in recent times.

Keywords: Second Language Acquisition, nomenclature, English Language.

World, International e Global English: a investigação histórica de Tom McArthur

Num breve histórico da evolução da nomenclatura utilizada para fazer referência à língua inglesa desde meados da década de 1920 até o final dos anos 1990, McArthur (2004) explora significados, semelhanças e contrastes existentes entre as expressões *world English* (inglês mundial), *international English* (inglês internacional) e *global English* (inglês global). A discussão proposta por McArthur (2004) examina uma série de ocorrências desses últimos

* Doutora em Letras - Professora do Instituto de Letras da FURG elongaray@gmail.com

** Doutora em Linguística Aplicada pela *University of Reading* (Inglaterra) - Professora do Programa de Pós-Graduação da UNISINOS lima.mariliasa@yahoo.com.br

três termos. No entanto, como veremos a seguir, o acompanhamento da linha de tempo mais ou menos ordenada apresentada pelo autor evidencia a necessidade do mesmo em “dedicar ao *world English* quatro vezes mais espaço do que aquele dedicado aos seus termos rivais” (McARTHUR, 2004, p. 4).

De acordo com McArthur (2004), muito embora todas as três expressões citadas acima façam alusão a uma mesma língua ou família de línguas cada uma delas apresenta desenvolvimento histórico distinto tendo sido originadas a partir de perspectivas também bastante diversas. A expressão *world English*, por exemplo, surge no final dos anos 1920 seguida de perto pela expressão *international English* nos anos 1930 e, somente muito mais tarde, pela expressão *global English* na década de 1990. Conforme o autor, a primeira vem sendo utilizada ao longo dos anos para dar nome tanto ao que conhecemos por *standard English* (inglês padrão) quanto a qualquer outra variedade do inglês; a segunda se refere ao uso multinacional do inglês, principalmente no que diz respeito ao ensino de línguas; e, a terceira inclui os múltiplos usos do inglês e a relação, quase sempre negativa, que se estabelece entre ele e o fenômeno da globalização socioeconômica mundial.

World English

A primeira ocorrência da expressão *world-English* (hifenizada) data de 1927. McArthur (2004) encontra indícios dessa ocorrência na segunda edição do *Oxford English Dictionary* (OED2) no ano de 1989. O dicionário exibe dois exemplos de uso da expressão. Neles, os termos *standard English* e *world-English* se confundem. Segundo o autor, do momento de seu primeiro registro até o início da década de 1980, a expressão *world English* volta a ser citada novamente apenas em 1967, como título de artigo publicado pelo próprio Tom McArthur na revista *Opinion* em Bombaim, Índia.

Naquela época, a produção acadêmica do autor revela sua experiência junto ao Departamento de Inglês da *Cathedral and John Connon School* em Bombaim. De acordo com ele, a maioria dos alunos daquela instituição falava inglês como segunda ou terceira língua e muitos deles faziam parte de pequenas minorias: “falantes nativos do inglês local (principalmente *Anglo-Indian*), estrangeiros falantes nativos de inglês e estrangeiros falantes não-nativos de inglês” (McArthur, 2004, p. 5). Esses aprendizes eram preparados para prestar as provas do certificado escolar indiano (*Indian School Certificate*) que é descrito por Tom McArthur como sendo uma espécie de qualificação nacional elaborada de acordo com modelos britânicos de avaliação. McArthur (2004) reconhece na variedade do inglês utilizado pelos alunos da *Cathedral and John Connon School* uma forma de *world English*.

Numa rápida interrupção de seu relato acerca do desenvolvimento dessa expressão nos nossos dias, McArthur (2004) faz questão de deixar claro que, para ele, *world English* denomina, desde 1967, todo e qualquer tipo de inglês. Para o autor, *world English* compreende a língua inglesa como língua padrão e não-padrão, língua materna e outra língua, dialeto, *pidgin*, *creole*, *lingua franca*, e também os chamados Anglo-híbridos tais como o *Hindlish* e o *Spanglish*. Sendo assim, para McArthur (2004) *world English* pode servir tanto como abreviatura da expressão *English as a world language* quanto como termo superordenado (hiperônimo) do inglês australiano, britânico, irlandês, nigeriano e assim por diante. O termo *world English* compreende, dessa forma, todos os aspectos da língua, desde o aspecto dialetal, passando pelo *pidgin* e pelo *creole*, pela variedade, pelo padrão, pela fala e pela escrita, seja ela eletrônica ou não.

De volta ao desdobramento histórico da noção, o autor afirma que a introdução da mesma em publicações como *English as a World Language* (BAILEY e GÖRLACH, 1982), *A comprehensive Grammar of the English Language* (QUIRK *et alii*, 1985) e nos artigos que fizeram parte do primeiro número do periódico *English Today* (ET), ainda no ano de 1985,

indica o estabelecimento do termo *world English* já na primeira metade da década de 1980. Anterior a essas publicações, o lançamento pela editora Pergamon em 1981 da revista *World Language English* (atual *World Englishes*) também é lembrado por McArthur (2004) como mais um exemplo da alta produtividade alcançada pelos estudos acerca da língua inglesa e seu uso ao redor do mundo na década de 1980.

Alguns anos mais tarde, em 1992, Tom McArthur define o termo *World English* (w maiúsculo) às páginas do *Oxford Companion to the English Language* (OCELang): *World English* consiste num termo cada vez mais utilizado para fazer referência ao inglês como língua mundial – resume a definição elaborada pelo autor. McArthur (2004) afirma ter prevenido os leitores daquela publicação da existência de uma forte oposição no que dizia respeito ao uso da expressão *World English* em ambiente acadêmico. Segundo ele, a recusa do termo tomava por base a crença de que o conceito de *World English* apontava para a dominância da língua inglesa enquanto língua global em detrimento de todas as outras muitas línguas faladas ao redor do mundo.

Já em 1993, o dicionário *New Shorter Oxford English Dictionary* (NSOED) define *World English* (w maiúsculo) como uma variedade do inglês ou como os traços fundamentais do inglês considerado como padrão onde quer que ele seja falado. Para McArthur (2004) o conceito de *world English* como apresentado pelo NSOED difere muito pouco daquele encontrado na segunda edição do *Oxford English Dictionary* em 1989. *World English* e *standard English* operam como expressões sinônimas tanto numa quanto noutra publicação.

De fato, como vimos anteriormente, no início, não há distinção rígida entre as noções de *world English* e *standard English*. Entretanto, a eventual alternância entre os dois termos se torna menos comum ao término da década de noventa. Em 1998, McArthur (2004) assiste a uma mudança revolucionária no que diz respeito àquele primeiro conceito. Segundo o autor, naquele ano, o novo dicionário de inglês da Oxford (*New Oxford Dictionary of English* – NODE) surpreende ao descrever *world English* enquanto a língua inglesa incluindo-se aí todas as suas variedades regionais tais como a norte-americana, a australiana, a neozelandesa e a sul-africana. Apesar do aparente entusiasmo do autor com a possibilidade de uma nova descrição para o termo, para McArthur (2004), o dicionário falha, porém, ao oferecer uma segunda definição da expressão. Nela, *world English* representa uma forma básica do inglês que consiste de traços comuns a todas as variedades. Em outras palavras, a expressão torna a fazer referência, mais uma vez, a uma forma padrão da língua.

Ainda de acordo com o autor, até o final da década de 1990, dos três nomes mais utilizados para rotular a língua inglesa na era da globalização, *world English*, *international English* e *global English*, apenas o primeiro atrai a atenção de grandes redes responsáveis pela distribuição de dicionários destinados aos usuários de língua inglesa. Em 1999, por exemplo, a editora Bloomsbury, radicada em Londres, associa-se à *Microsoft* e introduz o dicionário Encarta (*Encarta World English Dictionary*) no mercado. Para Tom McArthur, esse lançamento “muda as regras do jogo” (McArthur, 2004, p. 7). De acordo com ele, no Encarta, conceitos como os de *World English* e de *regional English* (inglês regional) são examinados, de forma inovadora, à luz de noções como as de cultura e uso da língua. Além disso, no prefácio da primeira edição do Encarta, Nigel Newton, então presidente daquela editora, clama por uma maior elaboração do conceito de *world English* que já havia alcançado notabilidade na década de 1990. Não por acaso, o dicionário Encarta exhibe, entre outros textos, o ensaio intitulado *World English* de autoria de Tom McArthur. Conforme McArthur (2004), o ensaio inclui expressões tais como *World Englishes*, *Englishes*, *lingua franca*, *New Englishes*, *International English* e *Global English*.

McArthur (2004) admite, porém, que o lançamento do dicionário produzido pela *Microsoft* é obscurecido pela publicação do NODE 1998 (*New Oxford Dictionary of English*) mencionado anteriormente. Introduzido no mercado apenas alguns meses antes da publicação

do Encarta, o NODE promove a imagem da Oxford como “líder mundial na autenticação de novas palavras e na autenticação da língua” (McARTHUR, 2004, p. 7). Segundo Tom McArthur, o prefácio do NODE divulga a colaboração de 29 consultores especializados em *World English*. Nesse mesmo prefácio, o inglês é descrito como *world language* (língua mundial) e o mundo falante de inglês (*English-speaking world*) é invocado junto à promessa de uma cobertura abrangente do chamado *World English* (w maiúsculo) às páginas do dicionário. Além disso, em seção intitulada *World English*, a língua inglesa recebe o título de *language of international communication* (língua para comunicação internacional) nos campos do comércio, da diplomacia, dos esportes, da ciência e da tecnologia, entre outros.

Segundo McArthur (2004), com o surgimento do NODE 1998 e do Encarta 1999 o termo *world English* atinge posição de destaque nos processos de descrição e promoção da língua inglesa contemporânea. No que diz respeito ao *status* alcançado pela expressão *world English*, a afirmação de McArthur (2004) parece acertada. Basta uma rápida consulta à versão *online* do dicionário Encarta 2007, por exemplo, para que se encontre registro de apenas uma das três expressões examinadas pelo autor. De acordo com a última edição do dicionário disponível na *web*, o termo *World English* é definido como “o inglês como ele é utilizado ao redor do mundo” ou como “a língua inglesa em todas as suas variedades como ela é falada e escrita ao redor do mundo”.

Definições tão abrangentes como estas oferecidas pelo Encarta 2007 parecem justificar as palavras do professor da Universidade de Campinas, Kanavillil Rajagopalan, de acordo com o qual a expressão *World English* (WE) consiste num termo “mais ou menos clichê utilizado atualmente para fazer referência ao inglês como língua mundial” (RAJAGOPALAN, 2004, p. 111). Sob uma perspectiva não menos abrangente do que aquela defendida por McArthur (2004), o pesquisador define *World English* (WE) como uma variedade democrática do inglês – uma variedade pertencente a todos os seus usuários, mas que não constitui língua materna para nenhum deles.

World English, para Rajagopalan (2004), consiste numa língua falada em “balcões de *check in*, corredores e salas de embarque dos aeroportos mais movimentados do mundo durante encontros de negócios multinacionais, jogos olímpicos ou copas do mundo, feiras internacionais de comércio e conferências acadêmicas” (RAJAGOPALAN, 2004, p. 112). Segundo esse autor, o *World English* conta atualmente com uma legião crescente de usuários. O exame mais detalhado dessa variedade em nossos dias dá mostras da existência de um sem número de dialetos e sotaques distintos que passam por diferentes estágios de um processo que Rajagopalan (2004) chama de nativização da língua. Para Rajagopalan (2004), o *World English* se assemelha a um jogo sem regras bem definidas que são reinventadas e revisadas à medida que ele progride.

Rajagopalan (2004) reitera a noção de *world English* proposta por McArthur (2004). Contudo, sob o ponto de vista do último autor, nem mesmo a popularidade encontrada pelo termo *world English*, nem mesmo a escassez de ocorrências das expressões *international English* e *global English* conseguem desmerecer a importância do papel desempenhado por ambas na história recente dos estudos da língua inglesa. Por essa razão, no próximo segmento, Crystal (2003a, 2003b), Holliday (2005), Seidlhofer (2003, 2005) e McKay (2002) reforçam o exame realizado por McArthur (2004) de algumas dessas poucas ocorrências dos termos *International* e *global English*.

International English

O uso da expressão *international English* (inglês internacional) remonta aos tempos de origem da expressão *world English*. Para McArthur (2004), embora pouco comum, a ocorrência do termo pode ser verificada já a partir da década de 1930. De acordo com os registros do autor, J. B. Priestley utiliza a expressão em 1930 e, C. Logue, no suplemento literário da revista *Times*, em 1958. Contudo, à semelhança da expressão *world English*, a ocorrência da expressão *international English* “parece rara até os anos 1980” (McARTHUR, 2004, p. 7). O autor afirma que a expressão não é encontrada “como termo técnico ou de forma impressa antes dos anos 1980 quando ela começa a aparecer em muitos lugares” (McARTHUR, 2004, p. 7).

McArthur (2004) chama atenção para a ocorrência do termo em dois lançamentos do mercado editorial no ano de 1982. Segundo ele, *International English: a guide to varieties of standard English* (Trudgill e Hannah, 1982) e *English as a World Language* (Bailey e Görlach, 1982), inauguram um revezamento de termos que tem de um lado as noções de *English as a world language/world English* e, de outro, *English as an international language/international English*. Segundo McArthur (2004), em se tratando de um guia para as variedades de inglês padrão, Trudgill e Hannah (1982) encontra guarida junto ao desenvolvimento, na década de 1980, do *(Teaching) English as an International Language*, abordagem que tinha como principal objetivo ir de encontro a duas abordagens pedagógicas previamente estabelecidas: *(Teaching) English as a Foreign Language* (TEFL, EFL) e *(Teaching) English as a Second Language* (TESL, ESL).

Nos Estados Unidos, a abordagem conhecida como TEIL (*Teaching) English as an International Language*) encontra em Larry E. Smith (*East-West Center*, Havaí) seu principal proponente. Segundo McArthur (2004), Larry E. Smith defende a adoção de uma abordagem sociocultural do ensino de inglês como língua internacional (*Teaching English as an International Language*). Tom McArthur acredita que, para aquele autor, *Teaching English as an International Language*, *Teaching English as a Foreign Language* e *Teaching English as a Second Language* se distinguem à medida que apenas na primeira abordagem fica subentendida a necessidade de que também os falantes nativos realizem esforços para compreensão e produção da língua em situações de comunicação internacional.

Para McArthur (2004), sob a perspectiva do ensino de inglês como língua internacional sustentada por Larry E. Smith, o inglês pertence a todos os seus usuários e os padrões de fala, variáveis de acordo com cada comunidade, podem influenciar tanto falantes não-nativos quanto falantes nativos. Por isso, “todos nós [falantes nativos e não-nativos] precisamos cooperar e acomodar” (McARTHUR, 2004, p. 8) a fim de evitar que tais influências acabem por inibir ou atrapalhar a comunicação entre os falantes.

Nas palavras de McArthur (2004), a abordagem amparada por Larry E. Smith passa a gozar de algum prestígio junto aos profissionais de ensino da língua inglesa (*English language teaching*, ELT) mais ou menos na mesma época em que noções como as de EFL (*English as a Foreign Language*), ESL (*English as a Second Language*) e ENL (*English as a native language*) começam a perder força como consequência de movimentos de emigração. Segundo o autor, graças a esses movimentos, moradores de grandes centros urbanos como Londres e Nova York são obrigados a conviver com a efervescência de um grande número de línguas e culturas. Mergulhadas na diversidade, cidades como Londres procuram administrar a existência de cerca de 350 diferentes línguas maternas nas escolas do sistema regular de ensino. No caso londrino, a atuação efetiva dos professores depende de uma prática conciliadora do inglês nas suas versões enquanto língua nativa, língua estrangeira, segunda língua e língua internacional, de acordo com McArthur (2004).

Não obstante os esforços realizados por pesquisadores como Larry E. Smith, para McArthur (2004), os lexicógrafos falham na captura da noção de *international English*. OED2 1989, NSOED 1993, NODE 1998 e Encarta 1999 tratam da expressão *world English*, mas nenhum deles menciona ou define *international English*. Isso não quer dizer, no entanto, que o termo deva ser deixado de lado como se fosse uma versão limitada da expressão *world English*, assevera McArthur (2004). Para ele, o termo *international English* apresenta essência tripartida uma vez que antecipa: (1) a disseminação mundial do inglês, (2) a padronização da língua e, (3) a noção de uso da mesma enquanto *lingua franca*. O termo reflete, dessa forma, os desejos de milhares de pais não-nativos que vislumbram através da aquisição de uma língua internacional um futuro melhor para seus filhos. Ambição que parece justificar a atuação de escolas internacionais em países como Hong Kong bem como a disposição de países como Cingapura em desenvolver uma variedade “internacionalmente aceitável do inglês” (McARTHUR, 2004, p. 9).

Para Holliday (2005), uma versão internacionalizada do inglês (*English as an international language*) vem conquistando cada vez mais adeptos para desespero dos defensores da aprendizagem do inglês vinculada ao ensino das culturas norte-americana e britânica. Nessa versão, o falante nativo perde o *status* de modelo ideal de falante da língua. Sob este ponto de vista, o falante nativo apresenta uma série de limitações que incluem tanto o uso restrito de formas da língua quanto o de formas irrelevantes e inadequadas à comunicação internacional. Daí a dificuldade encontrada por muitos falantes nativos de inglês na interação casual com falantes de inglês como segunda língua ou língua estrangeira. A respeito desses encontros, Holliday (2005) reconhece no trabalho de Barbara Seidlhofer a importância da descrição do inglês enquanto *lingua franca*.

A expressão *International English* não passa de uma abreviatura do termo *English as an international language* (EIL) para Seidlhofer (2003). A autora que tem seu nome quase sempre associado às pesquisas relacionadas ao inglês como *lingua franca* afirma sua preferência pelo segundo termo, mais completo, quando comparado ao primeiro. O termo *English as an international language* (EIL) parece mais preciso, para a autora, à medida que enfatiza o uso internacional do inglês sem com isso sugerir, de forma equivocada, a existência de uma variedade única e de fácil reconhecimento denominada *International English*.

Conforme Seidlhofer (2003), o uso do inglês como língua internacional compreende falantes nativos (*English as a Native Language*, ENL), falantes de inglês como língua materna (*English as a Mother Tongue*, EMT) em todos os seus dialetos e falantes de *New Englishes* ou *World Englishes*. Em outras palavras, de uma forma mais geral, para Seidlhofer (2003), o inglês pode ser denominado *English as an International language* sempre que consistir na forma escolhida pelos falantes para a comunicação entre indivíduos provenientes de diferentes culturas. Seidlhofer (2003) encontra em McKay (2002) uma definição que considera adequada para o inglês como língua internacional ainda que a última autora faça uso da expressão em sua forma reduzida.

Para Sandra Lee McKay, o *International English* propicia a interação entre indivíduos provenientes de culturas distintas promovendo encontros entre falantes nativos e usuários bilíngues da língua. Conforme McKay (2002), a versão internacional do inglês pode ser utilizada tanto nas situações de interação local quanto em situações de interação global. No primeiro caso, o *International English* auxilia na comunicação de indivíduos provenientes de culturas e línguas diferentes, mas que se encontram radicados num mesmo país. Já na interação global, o inglês em sua versão internacional permite a comunicação entre indivíduos de nacionalidades distintas ao redor de todo o mundo.

O senso comum muitas vezes equaciona número de falantes e *status* da língua no âmbito internacional. No entanto, para McKay (2002), a obtenção desse *status* internacional requer mais do que uma multidão de falantes. Não fosse assim, mandarim, espanhol, hindi e

árabe poderiam compartilhar com o inglês o título de língua internacional do mundo contemporâneo. Mas a menos que também sejam adquiridas por um grande número de falantes nativos de outras línguas, mandarim, espanhol, hindi e árabe não podem servir como língua para comunicação internacional, como adverte McKay (2002). E é “nesse sentido, como uma língua de maior amplitude de comunicação, [que] o inglês constitui uma língua internacional por excelência” (McKAY, 2002, p. 5).

Global English

À semelhança do termo *international English*, para McArthur (2004), também a expressão *global English* (inglês global) tem sido negligenciada em publicações recentes. Apenas *English as a global language* (Crystal, 2003a) e *The future of English?* (Graddol, 1997) são citados pelo autor como exemplos de publicações para as quais o termo parece relevante. A rápida incursão ao livro de David Crystal deixa transparecer, porém, a inconsistência com a qual se faz uso do termo *global English* que, na maior parte das vezes, acaba por ser substituído por expressões como *world English* e *international English*.

A língua atinge *status* genuinamente global quando desempenha papel de importância aceito internacionalmente. Ao reconhecer a obviedade de tal afirmação, Crystal (2003a) propõe o exame detalhado das muitas atribuições desempenhadas pela versão global de uma língua. Para o autor, tais atribuições podem ser mais facilmente identificadas a partir de países onde língua global e língua materna constituem uma única língua como no caso do inglês nos Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Irlanda, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul e alguns países do Caribe. Para Crystal (2003a), a obtenção de *status* global de uma língua depende do prestígio alcançado pela mesma junto a falantes de diferentes línguas maternas nos quatro cantos do mundo. A língua global depende da conquista de um “espaço especial dentro das comunidades” (CRYSTAL, 2003a, p. 4) até mesmo nas áreas mais remotas do planeta onde o contato com falantes considerados nativos dessa língua seja pouco frequente.

Conforme Crystal (2003a), o exercício da posição de prestígio da língua global pressupõe (1) a oficialização da mesma enquanto segunda língua do país e/ou (2) a priorização do ensino da língua dita global como língua estrangeira. Na primeira alternativa, a língua global passa a servir como instrumento de comunicação junto aos órgãos governamentais, instituições legais, veículos de mídia e sistema educacional do país. Nesses casos, a língua global atua de forma complementar em associação com a primeira língua dos indivíduos. Já na segunda possibilidade de atuação, a língua global passa a fazer parte do currículo escolar desde muito cedo, nas séries iniciais.

No que respeita às funções da língua global enquanto segunda língua, o inglês, por exemplo, conta agora com “algum tipo especial de *status* em mais de setenta países tais como Gana, Nigéria, Índia, Cingapura e Vanuatu” (CRYSTAL, 2003a, p. 4). Muito recentemente, no ano de 1996, Ruanda também confere *status* de língua oficial ao inglês. Nesse ínterim, novas decisões políticas acatadas diariamente ao redor de todo o mundo legitimam a hegemonia da língua global seja nas repartições públicas seja nas salas de aula. No que concerne o prestígio de uma determinada língua dominante no ensino de língua estrangeira, Crystal (2003a) recupera a influência dos idiomas russo e mandarim junto aos países vizinhos de Rússia e China. Segundo Crystal (2003a), durante muito tempo, no período anterior à queda da extinta União Soviética, o russo goza de grande prestígio em meio aos países do bloco socialista enquanto o mandarim intervém, já há algum tempo, na rotina de milhares de indivíduos em todo o sudeste da Ásia.

Até o presente momento, porém, nenhuma outra língua foi capaz de sobrepujar o poder de disseminação da língua inglesa que consiste, de acordo com Crystal (2003a), na língua estrangeira de maior abrangência mundial na história da humanidade. Em países como

China, Rússia, Alemanha, Espanha, Egito e Brasil, a língua inglesa lidera a corrida no ensino das línguas estrangeiras, “frequentemente, desbancando outra língua ao longo do processo” (CRYSTAL, 2003a, p. 5). Antiga colônia francesa, a Argélia, por exemplo, substituiu o ensino de francês pelo ensino de inglês nas escolas a partir de 1996.

A despeito dos esforços de Crystal (2003a), a expressão *global English* não encontra grande acolhida em McArthur (2004). O último autor, que já havia declarado amearhar todo e qualquer tipo de inglês sob o rótulo de *world English*, insiste ainda uma vez que “*world English* e *global English* são dois nomes para o mesmo fenômeno” (McARTHUR, 2004, p. 11). Além disso, para McArthur (2004), destinado ao público em geral, *English as a global language* não contém a rigidez e a precisão metodológicas necessárias para a defesa do termo. A inconsistência do tratamento dispensado por David Crystal ao termo *global English* não escapa do crivo de McArthur (2004). Acompanhado de perto pelo último, Crystal (2003a) “deixa o *global* de lado, faz uso da expressão *international* em sua acepção mais geral e, então, retorna ao uso da palavra *world*” (McARTHUR, 2004, p. 11) quando define seu conceito de *World Standard Spoken English* (padrão mundial do inglês falado) ou *WSSE*.

Em outra publicação bem mais recente, Pennycook (2007) lança mão do termo *global Englishes* (no plural) “a fim de situar a expansão e o uso do inglês dentro de teorias críticas da globalização” (PENNYCOOK, 2007, p. 5) segundo as quais o inglês está intimamente ligado aos sentimentos ambivalentes de intimidação, desejo, destruição e oportunidade. Na negação tanto de modelos teóricos de ataque ao imperialismo linguístico quanto de modelos tradicionais de defesa da expansão da língua, Pennycook (2007) propõe o que ele diz ser uma perspectiva mais complexa da globalização. Nela, novas formas de poder, de controle, de destruição, de resistência, mudança, apropriação e identidade são consideradas na compreensão do papel do inglês em meio à sociedade atual. A abordagem recomendada por Pennycook (2007) sugere o debate acerca de fluxos translocais (*translocal flows*) e transculturais (*transcultural flows*)¹ através dos quais a mobilidade do inglês em meio a espaços e relações sociais distintas pode ser examinada. Segundo o autor, a conexão do inglês a esses fluxos resulta “(n)uma língua de comunidades imaginadas e de identidades remodeladas” (PENNYCOOK, 2007, p. 6).

***General English, literate English* e outros nomes do inglês segundo Elizabeth Erling**

Em *The many names of English*, Erling (2005) discute, de maneira breve e objetiva, algumas das alternativas de denominação do inglês que parecem ter passado despercebidas por McArthur (2004). A análise de Erling (2005) inclui as propostas de Widdowson (1997, 1998) e Modiano (1999, 2001) acerca da expressão *English as an international language*, a interpretação do termo *global* de acordo com Toolan (1997), e o *general English* e o *literate English* propostos por Ahlu (1997) e Wallace (2002), respectivamente. A expressão *English as a lingua franca* é representada pelas pesquisas de Jenkins (2000) e Seidlhofer (2001). O texto de Erling (2005) não se resume, porém, à mera listagem de uma série de expressões e termos referentes à língua inglesa. Além de proceder ao exame de alguns desses termos, a autora discorre sobre o porquê da “forte compulsão em renomear a língua” (ERLING, 2005, p. 40).

¹ Pennycook (2007) faz uso do termo fluxos transculturais (*transcultural flows*) para fazer referência às maneiras de acordo com as quais formas culturais se movimentam, mudam e são reutilizadas na intenção de remodelar novas identidades em contextos diversos. O autor deixa claro que a expressão não faz referência apenas à expansão de formas particulares de cultura através de limites determinados, ou à existência de formas culturais que transcendem localidade, mas aos processos de empréstimo, combinação, reprodução e retorno aos processos de produção cultural alternativa.

De acordo com Erling (2005), essa compulsão decorre do profundo sentimento de ambivalência do mundo pós-colonial no que respeita a expansão do inglês como língua global. Além disso, a busca por novas ideologias de ensino capazes de dar conta da diversidade de usos e usuários de inglês também contribui para o surgimento dos tantos nomes e expressões utilizados para fazer referência ao inglês nos estudos da ASL. Para Erling (2005), (1) o crescimento da adoção do inglês no âmbito global, (2) o exame crítico da expansão da língua e (3) as tentativas de contenção da hegemonia do inglês em todo o mundo corroboram para o desenvolvimento de um grande número de propostas de renomeação da língua nos nossos dias.

English as an International Language (EIL)

O termo *English as an international language* (EIL) inaugura a discussão proposta por Erling (2005). Através dele, Widdowson (1997) descreve o uso específico do inglês com propósitos internacionais, profissionais e acadêmicos principalmente na versão escrita da língua. Nas palavras de Erling (2005), para aquele autor, a variedade denominada *English as an international language* se resume a uma forma de registro do inglês que, para a maioria dos aprendizes, consiste num meio de acesso a certos domínios e não numa língua de identificação para a comunidade à qual pertencem. Ainda de acordo com Erling (2005), Widdowson (1997) parece tolerar o intercâmbio entre as expressões *English as an international language* e *lingua franca*, pois tanto uma quanto a outra subentendem um inglês independente, livre de associações a uma variedade principal.

Modiano (1999), por sua vez, concebe o termo *English as an international language* como alternativa para a expressão *standard English* (inglês padrão). Para Modiano (1999), o termo pressupõe a neutralidade cultural, política e social do inglês. Nesse modelo, a neutralidade da língua aparece acompanhada de traços característicos que a tornam compreensível para falantes de inglês como primeira e segunda língua. Segundo Erling (2005), Modiano (1999) representa o conceito de *English as an international language* por intermédio de um conjunto de seis círculos concêntricos. Os círculos representam as variedades britânica, norte-americana, canadense, australiana, neozelandesa, sul-africana, o inglês como língua estrangeira e o que Modiano (1999) chama de outras variedades. O *English as an international language* resulta, de acordo com o modelo do autor, da convergência de todas essas variedades. Melhor dizendo, no modelo de Modiano (1999), as características partilhadas por todas as variedades de inglês utilizadas por falantes competentes em situações de comunicação internacional dão origem ao inglês como língua internacional (*English as an international language*, EIL).

Conforme Erling (2005), Modiano (1999) impõe uma condição a fim de que falantes de dialetos regionais, de *pidgin* e *creoles* sejam inseridos na categoria dos falantes competentes do inglês internacional. Segundo o autor, falantes competentes da língua fazem uso de uma variedade internacionalmente inteligível. Para Modiano (1999), a utilização de dialetos regionais, de vocabulário estranho ao adotado pela comunidade internacional, o uso de RPs (*Received Pronunciation*) e de falsos cognatos não condizem com a definição de *English as an international language*. Modiano (1999) admite, porém, as muitas dificuldades envolvidas na tarefa de descrição de tal variedade, dita internacional, considerando-se a escassez do que ele opta por classificar como modelos adequados da língua.

Os trabalhos de Widdowson (1997) e de Modiano (1999) recebem pouca acolhida, segundo Elizabeth Erling, em meio aos profissionais da área da ASL. O primeiro recebe críticas por desrespeitar a necessidade de descrição detalhada dos vários usos do inglês (o autor preocupa-se mais com a escrita da língua, como já vimos). Já o segundo, falha ao não deixar claro o tipo de inglês que considera como o mais inteligível internacionalmente. Além

disso, Modiano (1999) censura o uso de variedades que ele classifica como sendo excessivamente regionais ao mesmo tempo em que julga a competência dos falantes. Para Erling (2005), o uso das noções de competência e de variedades regionais pelo último autor parece completamente equivocado.

English as a lingua franca

A utilização crescente do inglês para comunicação entre falantes de inglês como segunda língua ou língua estrangeira em situações que não envolvem a presença de um falante nativo da língua justifica, para Erling (2005), a preferência de muitos pesquisadores pelo termo *English as a lingua franca* (ELF). Citadas por Elizabeth Erling, Jenkins (2000) e Seidlhofer (2001) afirmam não ser possível garantir o sucesso da comunicação entre os falantes da língua inglesa tomando-se por base apenas as normas do inglês como L1. Para ambas, a comunicação entre indivíduos provenientes de culturas distintas exige o desvencilhamento das normas da língua de um único padrão lingüístico em particular.

A partir de um banco de dados que exhibe trocas linguísticas entre falantes de inglês como L2, Jenkins (2000) advoga a favor de uma abordagem do ensino da pronúncia em inglês cuja meta consista na inteligibilidade mais do que na imitação de normas fornecidas pelos falantes de inglês como L1. À semelhança daquela primeira autora, Seidlhofer (2001) organiza um conjunto de dados provenientes de trocas linguísticas conduzidas através do inglês como *lingua franca*. O corpus de dados gerado por ela inclui tanto construções gramaticais quanto escolhas lexicais. Seidlhofer (2001) também descreve fatores associados aos falantes de inglês como L1 de acordo com sua maior ou menor relevância para a comunicação em inglês como L2.

As duas pesquisadoras insistem nos muitos benefícios que poderiam ser obtidos por meio de uma abordagem pedagógica orientada por normas do inglês como *lingua franca*. Entre outras coisas, essa abordagem permitiria a expressão das identidades individuais dos aprendizes por meio do inglês como segunda língua, por exemplo. Nas palavras de Erling (2005), as propostas de Jenkins (2000) e Seidlhofer (2001) reconhecem as funções do inglês enquanto língua global sem ignorar o papel que vem sendo desempenhado por ele enquanto *lingua franca* em meio aos usuários do inglês como L2.

Variações da expressão *English as an International Language*, os termos *English as a lingua franca*, *English as a global language*, *English as a world language* e *English as a medium for intercultural communication* possuem ao menos um aspecto em comum segundo Seidlhofer (2003). Em todas elas, novas expectativas e novas atitudes em relação ao inglês surgem juntamente com os novos usuários falantes não-nativos da língua. Desse momento em diante, a concepção de unidade da língua com um sistema de regras, códigos e convenções bem definidas dá lugar à aplicação de novos sistemas de regras e normas no uso da língua.

Em texto publicado por Barbara Seidlhofer em 2005, porém, *English as a global language*, *English as an international language*, *English as a world language* e *world English* descrevem, de forma genérica, o uso da língua inglesa nos contextos de *inner*, *outer* e *expanding circle*, nos termos de Kachru². Nessa publicação, a autora não esconde sua predileção pelo termo *English as a lingua franca*. Segundo ela, muitos pesquisadores

² Conforme Kachru (1992), o atual perfil sociolingüístico do inglês deve ser examinado em termos de três círculos concêntricos. Estes círculos representam os tipos de expansão, os padrões de aquisição e a locação do inglês em contextos culturais diversos. O *inner circle* se refere às tradições lingüísticas e culturais básicas do inglês. O *outer circle* representa as variedades não-nativas institucionalizadas (L2) nas regiões que tenham passado por extensos períodos de colonização. O *expanding circle* inclui as regiões nas quais as variedades de desempenho da língua são utilizadas essencialmente em contextos de inglês como língua estrangeira (LE).

preferem a expressão *English as a lingua franca*, apesar de que ocorrência das expressões *English as a medium of intercultural communication* e *English as an international language* também se verifique na descrição de situações nas quais a língua inglesa consiste no meio de comunicação em meio a falantes de diferentes línguas maternas.

Barbara Seidlhofer afirma ser “impossível negar que o inglês funciona como uma *lingua franca* global” (SEIDLHOFER, 2005, p. 339). No entanto, de acordo com a autora, nem todos os pesquisadores concordam que, como consequência do uso internacional da língua, o inglês sofra influências, em mesma medida, tanto dos falantes nativos quanto dos falantes não-nativos da língua. Daí o paradoxo vislumbrado por Seidlhofer (2005): o inglês constitui-se numa língua estrangeira para a maioria de seus usuários e a maior parte das trocas verbais em inglês não envolve nenhum falante nativo da língua. Apesar disso, porém, a crença no poder decisório do falante nativo acerca do que é aceitável ou não na língua permanece muito forte.

Segundo a autora, uma série de estudos empíricos vem tentando, ao longo dos anos, elaborar uma descrição linguística do inglês como *lingua franca* (*English as a lingua franca*, ELF). Essas pesquisas pretendem dar conta de questões fonológicas, pragmáticas e lexicais da língua. Dados do inglês como *lingua franca* são compilados e analisados em projetos como *English as a lingua franca in Academic settings* (ELFA) e *Vienna-Oxford International Corpus of English* (VOICE).

Seidlhofer (2005) espera que o trabalho realizado por essas pesquisas resulte numa maior compreensão da natureza do inglês como *lingua franca*. Segundo a autora, a criação de um banco de dados contendo traços e características fundamentais do inglês como *lingua franca* pode facilitar o diagnóstico do que deve e do que não precisa ser ensinado aos aprendizes promovendo, a longo prazo, uma maior inteligibilidade internacional. Apesar da crença da autora na descrição linguística enquanto grande aliada da tomada de decisão pedagógica, Seidlhofer (2005) admite que a descrição linguística não pode por si só determinar a agenda dos professores de inglês.

Na próxima seção, Toolan (1997), Ahulu (19997) e Wallace (2002) também reconhecem o peso das identidades dos aprendizes e a importância do respeito às necessidades dos mesmos ao fomentar “uma prática mais democrática do ensino de língua inglesa” (ERLING, 2005, p. 42).

Global, general e literate English

Toolan (1997) lança mão do termo *Global* para fazer referência ao inglês utilizado mundialmente por pessoas pertencentes a diferentes grupos étnicos, em qualquer tipo de cenário internacional. Segundo Erling (2005), o autor argumenta a favor da necessidade de redenominação do inglês para que se possa refletir sobre o seu uso de maneira apropriada enquanto testemunhamos o declínio da autoridade anglófona sobre a língua inglesa. Para Toolan (1997), os falantes nativos de língua inglesa também precisam adquirir a variedade global da língua a fim de que falantes nativos e não-nativos se encontrem em campo linguístico neutro para comunicação internacional.

Insatisfeito com o termo *standard English* sempre associado aos padrões britânicos ou norte-americanos, Ahulu (1997) propõe o uso da expressão *general English* (inglês geral) como alternativa para a denominação da língua num sentido mais amplo. Já Wallace (2002) defende a adoção do termo *literate English* a fim de referir uma variedade escrita da língua que também pode ser utilizada para comunicação face a face. O *literate English*, também chamado *transnational English* por Wallace (2002), prioriza a resistência às formas e usos convencionais do inglês hegemônico. Para Erling (2005), a proposta de Wallace (2002) não se resume a uma tentativa de transformação do inglês numa língua mais democrática e neutra,

ela consiste em fazer do inglês uma ferramenta mais adequada à reflexão crítica e à imposição de resistência aos modelos dominantes.

Segundo Erling (2005), questões demográficas influenciam sobremaneira a mudança no discurso a respeito do inglês. Como demonstra Graddol (1997), a difusão do inglês global se dá na ordem de três para um. Para cada falante de inglês como primeira língua (L1) existem hoje no mundo três falantes de inglês como segunda língua (L2). Cada vez mais utilizado para comunicação internacional, o inglês deixou, já há algum tempo, de pertencer a uma só cultura ou povo. Se no passado o próprio nome do idioma, *English* (adjetivo e substantivo), evocava língua e culturas de origem britânica, agora a palavra carrega consigo vestígios de um passado colonial que muitos preferem esquecer.

Para Erling (2005), Widdowson (1997), Modiano (1999), Jenkins (2000), Seidlhofer (2001), Toolan (1997), Ahulu (1997) e Wallace (2002) promovem plataformas teóricas do ensino da língua inglesa que deixam para trás a concepção de um padrão do inglês dominado por formas da L1. Os proponentes dessas teorias, afirma Erling (2005), reconhecem nos estudos pós-coloniais a importância da observação das muitas variedades do inglês em sua fase de primazia global. Segundo Erling (2005), esses estudos pretendem imprimir equilíbrio às relações existentes entre a instrução na língua inglesa e o emprego prático da mesma na vida real.

Ainda de acordo com Erling (2005), porém, o exagero na elaboração de uma interminável lista de nomes para identificação do inglês pode agravar uma situação já bastante complexa. Corre-se o risco de que o principal resultado das propostas citadas acima consista numa mera mudança de terminologia sem nenhuma mudança prática correspondente. Mais importante do que encontrar um nome apropriado para o inglês é assegurar que a prática dos profissionais do ELT ao redor do mundo se distancie de ideologias que concedem privilégios às variedades de L1. A língua deve ser ensinada como meio de comunicação intercultural sob uma perspectiva crítica e de resistência, quando esta última se fizer necessária.

World Englishes no plural (WEs) e English as a lingua franca segundo Jenkins (2006)

Em artigo de 2006, Jennifer Jenkins examina pesquisas recentes que versam sobre *World Englishes (WEs)* e *English as a Lingua Franca (ELF)*. Jenkins (2006) revela até que ponto as duas expressões têm sido cogitadas por professores de inglês, linguistas e por pesquisadores da área da aquisição de segunda língua (ASL). De acordo com Jenkins (2006), no mesmo ano da publicação de seu artigo na revista *TESOL Quarterly*, o organizador de uma conferência da qual a autora participava numa universidade britânica chama atenção para o uso da expressão *World Englishes* nas referências biográficas fornecidas pela autora. Por não reconhecer a forma plural da expressão, o organizador da conferência interrompe a introdução que fazia da pesquisadora para o público e pede que ela confirme o uso do termo *World Englishes*. Jenkins (2006) considera esse episódio inusitado uma vez que, para ela, o questionamento da terminação (-es) na expressão *World Englishes* parece pouco comum em meio aos profissionais de *TESOL* e entre linguistas aplicados contemporâneos.

No entanto, Jennifer Jenkins admite que foi preciso algum tempo para que a expressão *World Englishes* obtivesse notoriedade. De acordo com ela, em número comemorativo do vigésimo quinto aniversário do periódico *TESOL Quarterly* no ano de 1991 apenas o artigo escrito por Douglas Brown prioriza os *WEs* enquanto explora questões sociopolíticas relacionadas à expansão da língua inglesa. Mesmo aí, “*WEs* não era mencionado com esse nome, mas discutido sob a rubrica, de certa forma ambígua, de *English as an International Language*” (JENKINS, 2006, p. 158).

Também no ano de 1991, um debate instalado às páginas da revista *English Today* pelos pesquisadores Braj B. Kachru e Randolph Quirk atrai a atenção de muitos profissionais

de *TESOL* que, nas palavras de Jenkins (2006), não constituíam uma audiência tradicionalmente interessada nos chamados *World Englishes*. Conforme Jenkins (2006), durante o debate, Quirk e Kachru rotulam um ao outro sendo o primeiro considerado defensor da linguística do déficit (*deficit linguistics*) e, o último, como proponente da linguística de liberação (*liberation linguistics*). Conforme Jenkins (2006), o reflexo desse debate pode ser visto até hoje em periódicos tais como o *TESOL Quarterly* que, desde então, tem publicado um número crescente de artigos atinentes ao ensino/aprendizagem do inglês a partir do novo contexto mundial de uso e de expansão da língua. Igualmente importante para Jenkins (2006), o fato de que muito embora no ano de 1991 as expressões *WEs* e *ELF* fossem negligenciadas na edição de aniversário do periódico *TESOL Quarterly*, elas recebem papel de destaque na revista em seu quadragésimo aniversário. A autora lembra, ainda, a importância de número recente do periódico *TESOL Quarterly* em 2005. Editado por John Levis, a revista aborda a pronúncia sob as perspectivas do *WEs* e da *lingua franca*.

Não há muito que festejar, porém, de acordo com Jennifer Jenkins. Para a autora, a presença de artigos que versam sobre *WEs* na *TESOL Quarterly* são antes uma exceção e não uma regra. Jenkins (2006) afirma a ausência de publicações a respeito da *lingua franca* naquele periódico até o ano de 2003. O mesmo acontece com uma série de outros periódicos publicados nos Estados Unidos, no Reino Unido e ao redor do mundo. Jennifer Jenkins considera essa ausência um tanto “bizarra considerando-se o fato de que – como um incontável número de estudiosos já apontaram – falantes de *WEs* e *ELF* ultrapassam o número de falantes nativos de inglês, falantes de inglês como segunda língua e falantes de inglês como língua estrangeira” (JENKINS, 2006, p. 158)

Jenkins (2006) cita Bolton (2004) de acordo com o qual existem três possibilidades de interpretação da expressão *World Englishes*. Na primeira possibilidade, o termo pode rotular, descrever e analisar todas as variedades de inglês espalhadas ao redor do mundo. Na segunda, o termo pode ser utilizado para fazer referência ao inglês falado na África, Ásia e Caribe. Numa terceira e última possibilidade, *WEs* pode representar uma abordagem pluricêntrica do estudo da língua inglesa associada com Kachru e seus colegas, frequentemente citada como abordagem Kachrúviana, muito embora haja uma considerável sobreposição entre a segunda e a terceira interpretação do termo. A primeira possibilidade de interpretação da expressão, de acordo com Jenkins (2006), também pode ser representada por outros termos incluindo-se aí a expressão *World English* (no singular), *international English(es)* e *global English(es)* enquanto a segunda costuma ser representada pelos termos *nativised*, *indigenised*, *institutionalised*, *new Englishes* ou *English as a second language*. Conforme Jenkins (2006), apesar do grande número de interpretações do termo *World Englishes* e suas alternativas, a relação entre eles é tão forte, e o campo de estudos tão bem estabelecido nos dias de hoje, que parece não haver confusão a respeito do uso.

O mesmo não pode ser dito, porém, a respeito da expressão *English as a lingua franca* (*ELF*), afirma Jenkins (2006). Apesar do trabalho que ela chama de visionário desenvolvido por Larry Smith nas décadas de 1970 e 1980, o problema aqui reside no fato de que a expressão *international English* pode ser utilizada como atalho para a expressão *English as an international language* (*EIL*) que também faz as vezes como alternativa para o termo *English as a lingua franca* (*ELF*). Assim, se por um lado *international English* é utilizado para fazer referência ao inglês local em países onde o inglês não funciona como língua materna, por outro lado *international English* também faz referência ao uso da língua inglesa como meio para comunicação internacional perpassando limites nacionais e linguísticos. Como observa Seidlhofer (2004), esses dois sentidos estão em distribuição complementar. Conforme Jenkins (2006), em razão desse potencial para confusão da palavra *international* pesquisadores de *ELF* preferem o termo *English as a lingua franca* ao termo *English as an international*

language, muito embora “para aumentar a confusão, os dois termos estejam em uso atualmente” (JENKINS, 2006, p. 160).

Outro problema encontrado por Jenkins (2006) diz respeito ao *World Standard (Spoken) English (W(S)SE)*. De acordo com Crystal (2003a), frequentadores de conferências internacionais, autores cujos trabalhos se destinam a audiências internacionais e usuários da *internet* conseguem sentir a força do que ele chama de nova variedade. Ela toma forma, por exemplo, quando evitamos conscientemente o uso de uma palavra ou frase que sabemos não será entendida fora de nosso próprio contexto e, então, buscamos por uma forma alternativa para tal expressão.

Conforme Jenkins (2006), alguns pesquisadores assumem que ELF (EIL) e WSSE se referem a um mesmo fenômeno e, por isso, criticam ELF (EIL) pela promoção de uma visão monocêntrica do inglês – uma visão que toma por base normas britânicas ou norte-americanas ao invés de respeitar uma perspectiva pluricêntrica baseada em normas locais. Nas palavras de Jennifer Jenkins, porém, essas alegações não poderiam estar mais afastadas da realidade. Em defesa da ELF, Jenkins (2006) assegura que longe de dar prioridade às formas da língua utilizada pelo *inner circle*, muitos pesquisadores da ELF excluem falantes de inglês como língua materna de sua geração de dados. Na sua forma mais pura, a ELF costuma ser definida como língua de contato usada somente entre falantes não-nativos da língua, afirma Jenkins (2006). Como exemplo, a autora cita House (1999) de acordo com o qual, as interações em ELF são definidas como interações entre membros de duas ou mais culturas de língua em inglês nas quais o inglês não representa a língua materna de nenhum deles.

Apesar de reconhecer a versão mais pura da EFL, Jenkins (2006) deixa claro que a grande maioria de pesquisadores de inglês como *lingua franca* admite a participação de falantes provenientes de *inner* e *outer circles* em episódios de comunicação intercultural. Além disso, para a autora, esses pesquisadores também não definem EFL de forma tão rígida a exemplo de House (1999). Na investigação das particularidades apresentadas por interações que envolvem o inglês como *lingua franca*, a geração de dados não fica restrita às interações entre falantes não-nativos da língua. De acordo com Jenkins, caso a ELF venha a ser codificada, pesquisadores e falantes nativos de inglês terão que se acomodar à agenda instituída pelos falantes de inglês como *lingua franca*.

Ainda em defesa da ELF, Jenkins (2006) discorda dos críticos segundo os quais a pesquisa do inglês como *lingua franca* pretende promover um conceito monolítico de inglês para todo o mundo. Muito embora os pesquisadores da ELF procurem identificar formas utilizadas de maneira constante e sistemática sem que delas resultem problemas de comunicação, a proposta desses pesquisadores não é a de codificar uma única variedade de ELF. A existência da ELF não implica na utilização de um inglês idêntico em todos os aspectos. “Os pesquisadores de ELF não acreditam que tal variedade monolítica exista ou que ela um dia existirá” (JENKINS, 2006, p. 161). Contudo, eles acreditam, segundo a autora, que qualquer pessoa que tome parte num episódio de comunicação internacional precisa estar familiarizada com certas formas (fonológicas, lexicais ou gramaticais) amplamente utilizadas por falantes de inglês provenientes de diferentes grupos de primeira língua. Segundo Jenkins (2006), é por isso que a noção de acomodação é tão cara à pesquisa do inglês como *lingua franca*. Ao mesmo tempo em que propõe a acomodação a um conjunto de formas comuns, a ELF encoraja aprendizado e uso de formas locais dentro de contextos comunicativos locais, não importando que se trate de *inner*, *outer* ou *expanding circle*.

Considerações finais

World English, international English, global English, general English, literate English, English as a lingua franca, World Englishes e todas as outras possíveis tentativas de renomeação da língua inglesa apontam para a necessidade de definição do *status*, da posição e do papel desempenhado pelo inglês na era global. A adesão a uma determinada nomenclatura deixa transparecer o modo com o qual a relação que se estabelece entre o inglês e o mundo globalizado é vista por alguns pesquisadores da área da ASL. Como foi possível perceber, a grande maioria dos profissionais dedicados aos estudos da aquisição de segunda língua parece preocupada com fluxos culturais globais e locais bem como com a construção de identidades dos aprendizes de inglês como L2 ou LE.

Mas, afinal, qual dos nomes aventados neste artigo parece mais adequado ao inglês do qual se faz uso no Brasil, especialmente nas escolas públicas? Em nossa opinião, o termo inglês como LE, que nem mesmo recebe a atenção dos estudos anteriormente aqui relatados, parece mais acertado para a discussão do ensino do inglês em sala de aula no país. Como revelam os dados gerados por Longaray (2005), porém, o inglês global enquanto língua das possibilidades futuras parece muito distante das realidades vividas pelos alunos das escolas públicas brasileiras. A língua símbolo da cidadania mundial não faz parte da rotina dos jovens participantes deste último estudo. Para os participantes envolvidos nas pesquisas conduzidas por Elisabete Longaray, assim como para grande maioria dos aprendizes brasileiros, o inglês não ultrapassa as paredes da sala de aula fato que não impede que os alunos sonhem, no entanto, em fazer parte de uma comunidade que extrapola os limites da língua e cultura locais – a comunidade global que parece ter no inglês um instrumento a serviço da manutenção das forças hegemônicas.

REFERÊNCIAS

- AHULU, S. General English: a consideration of the nature of English as an international medium. **English Today**, v. 13, n. 1, p. 17-23, 1997.
- BOLTON, K. World Englishes. In: DAVIES, A., ELDER, C. (Eds.). **The handbook of applied linguistics**. Oxford: Blackwell, 2004. p. 367-396.
- CRYSTAL, D. **English as a global language**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003a.
- _____. **The Cambridge Encyclopedia of the English language**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003b.
- ERLING, E. J. The many names of English: a discussion of the variety of labels given to the language in its worldwide role. **English Today**, v. 21, n. 1, p. 40-44, jan. 2005.
- GRADDOL, D. **The future of English?** Londres: British Council, 1997.
- HOLLIDAY, A. **The struggle to teach English as an international language**. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- HOUSE, J. Misunderstanding in intercultural communication: interaction in English as a lingua franca and the myth of mutual intelligibility. In: GNUTZMANN, C. (Ed.). **Teaching and learning English as a global language**. Tübingen, Alemanha: Stauffenburg, 1999. p. 73-89.
- JENKINS, J. **The phonology of English as an international language: new models, new norms, new goals**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- _____. *Current perspectives on teaching world Englishes and English as a lingua franca*. **TESOL Quarterly**, v. 40, n. 1, p. 157-181, mar. 2006.

- KACHRU, Y. Teaching and learning of world Englishes. In: HINKEL, E. (Ed.). **Handbook of research in second language learning and teaching**. Mahwah, Nova Jersey: Lawrence Erlbaum, 2005. p. 155-73.
- LONGARAY, E. A. **Identidades em construção na sala de aula de língua estrangeira**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.
- McARTHUR, T. Is it world or international or global English, and does it matter? **English Today**, v. 20, n. 3, p. 3-15, jul. 2004.
- McKAY, S. L. **Teaching English as an international language**. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- MODIANO, M. International English in the global village. **English Today**, v. 15, n. 2, p. 22-28, 1999.
- _____. Ideology and the ELT practitioner. **International Journal of Applied Linguistics**, v. 11, n. 2, p. 159-173, 2001.
- PENNYCOOK, A. **Global Englishes and transcultural flows**. Oxon: Routledge, 2007.
- RAJAGOPALAN, K. The concept of World English and its implications for ELT. **ELT Journal**, v. 58, n. 2, p. 111-117, abr. 2004.
- SEIDLHOFER, B. Closing a conceptual gap: the case for a description of English as a lingua franca. **International Journal of Applied Linguistics**, v. 11, n. 2, p. 133-158, 2003.
- _____. English as a lingua franca. **ELT Journal**, v. 59, n. 4, p. 339-341, out. 2005.
- TOOLAN, M. Recentring English: new English and global. **English Today**, v. 13, n. 4, p. 3-10, 1997.
- TRUDGILL, P., HANNAH, J. **International English**. London: Arnold, 1982.
- WALLACE, C. Local literacies and global literacy. In: BLOCK, D., CAMERON, D. (Eds.). **Globalization and language teaching**. Londres: Routledge, 2002. p. 101-114.
- WIDDOWSON, H. G. The forum: EIL, ESL, EFL: global issues and local interests. **World Englishes**, v. 16, n. 1, p. 135-146, 1997.
- _____. EIL: squaring the circles: a reply. **World Englishes**, v. 17, n. 3, p. 397-404, 1998.